CURRÍCULOS EM ARTES VISUAIS NO ENSINO SUPERIOR: TENSÕES CONTEMPORÂNEAS

Alice Firmo Vieira, Mara Rúbia Sant'Anna (Orientadora)

INTRODUÇÃO

As transformações efetivas nas estruturas curriculares de cursos superiores em artes visuais permanecem tímidas, superficiais ou limitadas a atualizações terminológicas, mesmo diante de um campo teórico que há décadas problematiza essa realidade. Tal cenário corrobora a tese de Sacristán (2000), de que a teorização curricular frequentemente atua como legitimação a posteriori das práticas vigentes, onde a linguagem técnica serve mais para racionalizar a gestão do que para transformar a realidade das salas de aula. A partir dos anos 2000, observa-se um deslocamento do debate para sistemas de avaliação por resultados e competências que, nos termos de Arroyo (2011), transformam o currículo em território cercado por dispositivos avaliativos, esvaziando o projeto pedagógico de sua vitalidade estética e crítica.

Este artigo nasce como desdobramento de pesquisa anterior (Vieira; Sant'Anna, 2024), em que analisamos o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) do Bacharelado em Artes Visuais da UDESC, reformulado em 2023. Nossa investigação revelou avanços no plano retórico e permanências no plano estrutural. Ao buscar estudos recentes com problemáticas similares, encontramos quatro trabalhos, Silva (2023), Gigante (2024), Farias (2024) e Soares e Barros (2022), que corroboram nossas conclusões e as situam em um quadro mais amplo de tensões estruturais no ensino superior de artes visuais no Brasil e em Portugal.

DESENVOLVIMENTO

Esta pesquisa adota abordagem de estado do conhecimento, visando mapear conhecimentos produzidos sobre currículos em artes visuais no ensino superior e identificar lacunas investigativas. Os critérios de inclusão foram: publicação entre 2022 e 2024; foco em cursos de graduação em artes visuais; idioma português; acesso integral gratuito. A busca foi realizada em periódicos especializados (Porto Arte, Apotheke, Palíndromo, entre outros) e nas bases CAPES, SciELO e Google Scholar, em março de 2026, com os descritores "currículo" AND "ensino superior" AND "artes visuais" e variantes. A análise orientou-se pelas categorias: concepções de currículo; tensões teoria-prática; interdisciplinaridade; dimensão estética; diversidade epistêmica e decolonização.

Uma das tensões mais evidentes é a permanência de organização curricular fragmentada, operando por núcleos estanques e progressão linear de disciplinas. Gigante (2024) aponta a inconsistência organizacional como desafio crítico:

Além disso, a inconsistência organizacional pode resultar em programas de formação desarticulados, onde os componentes teóricos e práticos não se alinham de forma eficaz. Por fim, uma consistência pedagógica deficiente pode comprometer a aplicação de metodologias de ensino inovadoras, essenciais para responder às demandas contemporâneas do Ensino (GIGANTE, 2024).

Na UDESC, observamos que alterações de nomenclatura nos núcleos curriculares não alteram a lógica sequencial subjacente. Soares e Barros (2022) identificam fenômeno similar na UFMA, onde a distribuição linear dificulta a integração entre saberes, especialmente no que tange às tecnologias digitais. Silva (2023) relata experiências que buscaram romper com essa lógica, integrando corpo, sentidos e narrativas de si em processos colaborativos, mas reconhece que tais práticas dependeram da autonomia docente, e não de dispositivos curriculares institucionalizados. Farias (2024) aprofunda essa crítica ao demonstrar que, mesmo quando há inclusão de arte africana, indígena ou latino-americana, esses conteúdos aparecem como tópicos especiais ou optativas, e não como parte

estruturante da formação. A autora ancora essa análise em dados do INEP (2022): pela primeira vez, as graduações a distância tiveram mais ingressantes do que as presenciais, com 59,3% dos matriculados em licenciatura formando-se nessa modalidade, dado que situa o debate curricular em um cenário de transformações estruturais ainda mais amplas.

A formação estética, entendida como cultivo da sensibilidade, aparece como lacuna recorrente em todos os estudos. Silva (2023) é a autora que mais se aproxima dessa questão ao relatar práticas pedagógicas que integraram corpo e afeto aos processos formativos. Nossa análise do PPC da UDESC identificou que o documento declara como objetivo a formação sensível e crítica sem oferecer dispositivos curriculares que a operacionalizem. Os quatro estudos convergem: a transformação dos currículos em artes visuais não pode ser reduzida à inclusão de conteúdos, sendo necessário transformar as lógicas epistemológicas e pedagógicas que organizam o próprio currículo.

RESULTADOS

A análise comparativa dos quatro estudos, articulada aos achados da pesquisa anterior sobre o PPC da UDESC, evidencia um padrão recorrente de tensões estruturais no ensino superior de artes visuais. Quanto à fragmentação disciplinar, os núcleos curriculares mantêm progressão linear e baixa articulação entre campos teóricos e práticos, mesmo quando reformulações recentes alteram nomenclaturas. Soares e Barros (2022) confirmam esse padrão na UFMA, onde a distribuição linear dificulta a integração de saberes.

A dicotomia entre teoria e prática permanece estrutural nos quatro contextos analisados. Silva (2023) demonstra que experiências de integração entre corpo, afeto e cognição existem, mas dependem de iniciativa docente isolada, sem correspondência em dispositivos curriculares institucionalizados. No que se refere às tecnologias digitais, Soares e Barros (2022) identificam que sua incorporação ocorre por meio de disciplinas específicas, sem articulação com as demais dimensões da formação artística e pedagógica, fenômeno estrutural análogo ao observado nos demais núcleos curriculares.

Sobre diversidade epistêmica e decolonização, Farias (2024) constata que conteúdos de arte africana, indígena e latino-americana aparecem como tópicos especiais ou disciplinas optativas, não como componentes estruturantes da matriz curricular. Quanto à formação estética, entendida como cultivo da sensibilidade, os quatro estudos indicam sua permanência como lacuna. Silva (2023) é quem mais se aproxima do tema, mas reconhece que as práticas identificadas dependem de autonomia docente e não de dispositivos curriculares. Em conjunto, os resultados apontam que as reformas curriculares recentes operam predominantemente no plano terminológico, sem produzir os dispositivos pedagógicos necessários à efetivação de interdisciplinaridade, descolonização e formação estética enquanto eixos estruturantes do currículo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão de literatura confirma que as tensões identificadas na UDESC não são idiossincrasias locais, mas expressões de problemas estruturais que atravessam diferentes contextos formativos. Os quatro estudos convergem na percepção de que reformas curriculares recentes concentram-se mais em atualizações terminológicas do que em transformações efetivas dos modos de organizar o conhecimento, adotando discursos contemporâneos sobre interdisciplinaridade, complexidade e decolonização sem criar os dispositivos pedagógicos que os efetivem. Pesquisas futuras precisam investigar os mecanismos institucionais que sustentam essas permanências e propor dispositivos curriculares que articulem teoria e prática como práxis dialética, reconheçam a pluralidade das cosmologias visuais e cultivem a experiência estética como dimensão indissociável da formação artística.

Palavras-chave: Currículo em Artes Visuais; Ensino Superior; Formação Artística; Pensamento Complexo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel G. Currículo, território em disputa. Petrópolis: Vozes, 2011.

FARIAS, Aline Evelin Marinho de. Arte-educação no Ensino Superior EAD e a descolonização do currículo. Caderno Intersaberes, 2024.

GIGANTE, Cláudia. Novas perspectivas do currículo da formação de professores de Artes Visuais. Revista Interacções, 2024.

INEP. Censo da Educação Superior 2022. Brasília: INEP, 2022.
SACRISTÁN, José Gimeno. O currículo: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Maria Betânia e. Processos pedagógicos na formação em Artes Visuais. Revista Apotheke, dez. 2023.

SOARES, Herbia Araujo; BARROS, Luciana Silva Aguiar Mendes. Tecnologias da informação e comunicação na formação inicial do professor de arte. Revista Palíndromo, 2022.

VIEIRA, Alice Firmo; SANT'ANNA, Mara Rúbia. Uma leitura contemporânea do currículo de Artes Visuais da UDESC. In: SIC UDESC, 2024.